



FÉ NA ESTRADA

Saberes de uma itinerância moderada por cartografias afetivas

FRANCO, Laura

Mestre em Artes Cênicas (UNIRIO)

com orientação de Rosyane Trotta (UNIRIO)

Resumo

Este escrito matura saberes de uma itinerância moderada por cartografias afetivas – lida artístico-performativa em criação e realização por Laura Franco, só ou acompanhada de até outros três artistas – em pequenas povoações rurais dos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, nomeada de Teatro den-di-Casa – Núcleo de trocas culturais em povoações rurais do Nordeste Brasileiro.

Palavras-chave: itinerância; povoações rurais; cartografias afetivas.

Abstract:

This article mature knowledge of moderate roaming by affective cartographies – an artistic and performative work in creation and realization by Laura Franco, alone or accompanied by three other artists – in small rural villages of the states Sergipe, Alagoas and Bahia, called Teatro den-di-Casa – Center for cultural exchange in rural villages in northeastern Brazil.

Keywords: roaming; small rural villages; affective cartographies.

Assim botei pé na estrada
Pra vir de lá pra cá
Sem pressa porque acreditava
Desse jeito, quem sabe, encontrar

Homi véi, as muié, meninada
Gente amiga *ni* quem confiar
Lugarejos com pouquinhas *casa*
E um riozinho *pr'as vez* eu banhar¹

De quando em quando saio, só ou acompanhada, à procura de pequeninos lugares em que possa viver e trabalhar. Deixo-me morar com gente e terra desconhecidas. Faço teatro. Convivo com pessoas que, nunca antes tendo me visto, me recebem em suas casas para uma dormida, um banho, uma comida ou uma prosa com café. Coexistio com terra e gente até despedir-me e partir sem saber se nos veremos ainda outra vez.

Coloco-me em pesquisa de um modo de lida artística capaz de ser em si um viver. Um pensar/fazer arte/vida em que ensaio respostas para perguntas provocadoras de mim: que mundos, que formas de convívio, que modos de existência eu ajudo a construir ao viver?

Força estradeira

Faz cinco anos, comecei a pensar e buscar modos de fazer teatro em povoações rurais dos estados da Bahia, Sergipe e Alagoas². Desde então, lanço-me à criação de rotas afetivas de trabalho: trajetos desencadeados por experiências – em sua imprevisibilidade e abertura ao desconhecido (BONDÍA, 2002, p.28) – de vibração entre corpos em estradas de barro.

Nesta lida, sem pressa, pelas vias de terra, desloco-me transpassada por certa vibratibilidade estradeira – “capacidade de [...] apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações” dissolvendo “[...] figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo” (ROLNIK, 2011, p.12).

Assim, esboço itinerância sensível ao que corpos com que esbarro no caminho cultivavam de existência ao encontro comigo: um silêncio, um jeito de olhar, um sorriso, um aceno, um convite para entrar, uma prosa com cafezinho. Desemboco estrangeira em estradas de chão batido, aberta a coexistir com terra e povo desconhecidos – à criação de convívio passível de ser construído alheio à manutenção mecânica de costumes porque mobilizado por ressonâncias da presença do outro em meu *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2011) e vice-versa.

1. Letra da canção “Pé na estrada” – composta em abril de 2013 para a trilha sonora do espetáculo de Contação de Histórias e Teatro de Animação “Brasil Pequeno” (criação: Genifer Gerhardt). Registros da elaboração e circulação deste espetáculo em: www.brasilpequeno.com

2. Projetos do “Teatro den-di-Casa”, entre 2010 e 2014: criação e circulação do espetáculo “Ungüentos” por 09 povoações rurais de 5 municípios da Bahia; viagem do espetáculo “RUGAS” por 4 povoados do município de Heliópolis (BA); circulação dos espetáculos “RUGAS” e “Gringa Errante” por 8 povoações de 7 municípios da Bacia do Rio São Francisco na Bahia; circulação dos espetáculos “RUGAS” e “Pé de Causos” por 9 povoados de 9 municípios dos estados de Sergipe e Alagoas. Desse percurso participaram Laura Franco, Alice Cunha, Genifer Gerhardt, Anderson Dy Souza, Milena Flick, Alexandre Geisler e Felipe Benevides.

Nesse passo, caminho ao encontro da vulnerabilidade enquanto “[...] condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens pré-estabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência e os contornos cambiantes de nossa subjetividade” (ROLNIK, 2013, p.2).

Assim tenho trabalhado.

Assim tenho traçado rotas pelas roças por onde passo.

Nossa prosa

Com você, afetos me pedem passagem – intensidades disfarçadas de histórias, memórias, saberes e não-saberes de um viver que estou a construir. Meu ímpeto: experimentar palavras contigo; deixar-me *falar por afeto* (ROLNIK, 2011, p.47), habitar este encontro, buscando matéria de expressão para suas intensidades.

Viver junto é o que, a pouco, começamos a fazer.

Arrisco cartografar³ a você vestígios de sossegos e desassossegos desta minha busca por fazer teatro em terras miúdas de gente sabida dos dias de sol e de chuva. Aventuro mergulhar nas intensidades do agora (p.23) ao contar causos de primeiras experiências tidas na feitura desta lida no Sertão do São Francisco – Estado da Bahia.

Estrada asfaltada

Assim deixei Salvador (BA): junto *mais dois amô*, à procura da terra, da gente e do rastro das águas do Velho Chico⁴.

Pouco mais de dois anos se dava de minhas primeiras jornadas em outras companhias. Nem meio ano fazia de minha ida sozinha ao Sapé de D. Joaninha. Era julho. Era seca. E, com elas – Genifer Gerhardt e Alice Cunha –, rumei por essas estradas.

Da capital seguimos pela BR 324 até a cidade de Feira de Santana (BA): dita principal estrada asfaltada, de pista duplicada e praças de pedágio do Estado. De lá à Morro do Chapéu (BA) passamos por pequeno trecho da BR 116 – a Santos Dumont ou Rio-Bahia – e por longo trecho da BA 052 – nomeada, faz tempo, Estrada do Feijão: rodovia pública, sem concessão, asfaltada, de pista única com mão dupla. Neste passo, na BA 052, seguimos até outra rodovia: bastante mais curta, pouco mais estreita, identificada BA 433 – estrada que esbarra com a pequena Ibipeba (BA), nossa primeira região de destino.

3.
“Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem [...] que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (ROLNIK, 2011, p.23).

4.
Registros desta jornada em: www.rugasdovelhochico.blogspot.com

Estrada de terra

Um mapa rodoviário guiou-nos até a sede do município – local em que chegamos depois de percorridos 515 km de estradas asfaltadas. Mais próximas do Rio São Francisco, desejosas pelo encontro com seus lugarejos e roças, restava-nos, para isto, alcançar uma de suas estradas de terra – aquelas de que pouco se fala; aquelas que raramente estão retratadas nos mapas.

Também por isso, em Ibipeba (BA), fomos à lanchonete.

Reparei então um casal a prostrar sentado no batente ao lado da porta de entrada do estabelecimento. Ao sairmos de lá, percebendo-os ainda simpáticos à nossa presença, puxei conversa. Contei-lhes vagamente de nosso trabalho e pedi informações sobre o acesso dali a pequenas povoações.

Solícitos disseram-nos para, mais adiante, dobrarmos à direita. Sobre as povoações não sabiam seus nomes, se eram distantes, grandes ou pequenas. Falaram, porém, saber ser parte delas para *as bandas de lá*.

Agradecemos pela informação, nos despedimos e voltamos ao carro com votos de boa sorte em nosso trabalho. Só então, seguindo os rastros que nos foram ofertados, desembocamos em estrada de chão.



Figura 1 – Estrada de acesso aos povoados Serra Grande e Olhos D'água – Ibipeba (BA).

Três Marias⁵

Nesse caminho, quis e tive comigo Alice – artista soteropolitana que contribuiu ativamente para realização tanto do projeto “Teatro den-di-Casa” quanto da jornada “Nas roças da Velha Joaninha”, explicitando, assim, desejo de me acompanhar em experiências de lida artística por povoações rurais – e Genifer – gaúcha nascida no interior que, ainda em 2009, deixou morada na capital baiana para percorrer, sozinha, com dois dos seus espetáculos de teatro, lugarejos de até 6.000

5. Neto, morador do povoado Junco, em Barra (BA), assim que nos conheceu procurou saber se nosso trabalho tratava-se de pagamento de promessa. Dias depois, em celebração de novena na povoação, disse sermos três Marias: Madalenas a viajar com seu teatro e sua cantoria alegrando a vida do povo das roças país a fora.

habitantes encontrados em meio ao caminho de volta para terra de mãe, Santa Cruz do Sul (RS)⁶.

Cheguei então à estrada de terra em Ibipêba (BA) acompanhada de minhas querências e das querências de cada uma delas, de meus temores e dos temores de cada uma delas, de meus mistérios e dos mistérios de cada uma delas.

Fato que, até a sede do município, tivemos destino certo. E que, à via de chão, tivemos como certeza apenas a dura peleja de tomarmos, nós três, mesma estrada; de lançarmo-nos juntas na construção de um caminho sensível à dinâmica de nossos afetos; de vivermos – cada uma a seu modo – o desafio diário de confrontarmos nossas diferenças, de percebermos no cultivo atento destes tensionamentos a geração de territórios de fronteira por meio dos quais pudéssemos criar e experimentar outras saídas – outras escolhas que não aquelas pré-moldadas por nossos hábitos.

Passagem

Desvencilhando-se, num só fôlego, dos cintos de segurança, meu corpo e o de Genifer – sem que esperássemos – assim reagiram ao contato com a estrada de barro. Alice, por sua vez, reagiu à nossa reação à estrada dizendo-nos preocupada:

– Que fazem? Por que tiram os cintos? É perigoso. Não façam isso.

Lentas, em estrada vazia, ainda assim, perigo tinha – porque sempre há em todo lugar. Então, repondo o cinto, tentei por um jeito – Genifer por outro – dizer a ela que questão foi outra – ou não só esta de se desproteger de possíveis riscos.

Nesse desenrolar de argumentos, percebi que a gaúcha, em sua ação, tinha dado passagem a uma súbita necessidade de deixar-se suscetível ao inusitado e ao desconhecido; que a outra baiana assustada mantinha-se inconformada; e que meu corpo, em sua reação inesperada à estrada, havia me despertado para algo: para a força provocadora – ou, ainda, desestabilizadora – das vias de barro.

Desde então, agucei, pouco mais, a percepção: passei a observar, com maior recorrência, implicações do trânsito pelas estradas de chão e de asfalto na feitura deste trabalho.

De asfalto e terra

Atreladas a modos distintos de existência, estradas de asfalto e de terra, por meio de suas singularidades, afetam-nos de forma diversa: rodovias interligam localidades pré-definidas, simulam o encurtamento de distâncias e atenuam a experi-

6.

Registros desta jornada em:
www.maetoindo.blogspot.com

ência dos trajetos ao disporem-se, na medida do possível, como espaços independentes de seus entornos, destacados e protegidos destes; em contraponto, estradas de barro pisado interligam, sem distinção, quaisquer dos espaços em que esbarram, incitando contato e convívio entre os que por elas transitam, os que, em suas imediações, passam e habitam.

Deste modo, vias de asfalto e de terra lançam-nos paradigmas distintos de relação consigo e com o que há ou passa à sua volta: a ver que rodovias são comparáveis a “sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações pré-estabelecidas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.43), que “comportam centros de significância [...], autômatos centrais como memórias organizadas” (p.36); e que, em oposição, uma rede de estradas de chão é comparável a um rizoma⁷, “um sistema acentrado não hierárquico e não significante, [...] sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados” (p.43), “de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independentemente de uma instância central” (p.37).

Sinalizo, porém, riscos latentes no contraponto entre vias de asfalto e de chão: uma possível compreensão desses tipos de estrada como diferentes fases de um processo evolutivo ascendente – no que se refere à exaltação de rodovias em detrimento de estradas de terra – ou descendente – no que se refere à abordagem inversa. Proponho-me, por outro lado, ao errar por ambas, nutrir o desafio necessário da coexistência entre elas – díspares, mas, a meu ver, complementares e indissociáveis na complexa e constante produção de realidade psicossocial do e no Sertão do São Francisco na Bahia.

Meio de caminho

À estrada de chão, inaugurou-se nova etapa em nossa jornada: já não habitávamos, como antes, um sistema rodoviário, mas uma rede de estradas de poeira e barro.

De Salvador (BA) à sede do município de Ibipêba (BA), tivemos, além do mapa, placas rodoviárias a conduzir todo nosso trajeto, mantendo-nos informadas sobre possíveis localidades de parada ou destino, a funcionar como espécie de filtro de nosso desejo em relação aos variados espaços de seu entorno; de outro modo, a estrada de terra por que seguimos sem o auxílio de mapas, sem placas, inquietou-nos, todo tempo, com seus mistérios.

Na ocasião, rumamos pela via de chão barrento sob sol forte, de vento intenso a levantar poeira, de vegetação escassa e seca à sua beira. Nela, os carros que vimos passar

7.
“O termo ‘rizoma’ foi tomado de empréstimo à botânica, onde ele define os sistemas de caules subterrâneos de plantas duradouras e flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior (exemplo: rizoma de íris)” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p.388).
“Um rizoma, subterrâneo ou aéreo (o das samambaias, por exemplo), [...] tem sua evolução como [...] efeito do que se passa entre a planta e o que ela vai encontrando no meio em que se desenvolve – claridade, umidade, obstáculos, vãos, desvios... Nesse percurso nada mais é fixo; nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia, nada mais é, definitivamente, coisa alguma” (ROLNIK, 2011, p.61).

foram raros. Nela, gente a pé só três *muié* que se embrenharam no mato por trilha estreita. Nela, custamos a avistar um povoado.

E foi assim que, pouco a pouco, a estrada de barro contou-nos de seu entorno, deu-nos vestígios de seu povo: fazendo-nos reduzir a velocidade de nosso deslocamento diante de seus buracos, lombadas e pedras; dando-nos tempo para perceber a latitude ambiente ao nos lançar tais problemas; deixando-nos desinformadas e despertando-nos para a necessidade de articulações de outro tipo: desvinculadas do fácil acesso a dados informativos, mas vividas a partir de experiências perceptivas. Por estes e outros meios, a estrada de chão expôs-nos à criação de aberturas e contatos – impossíveis de serem realizados ao isolamento⁸ (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p.146).

Seguindo caminho, chegamos a um distrito de gente boa-praça à porta das casas. Mas, para nós, o lugar era grande e seguíamos na procura de lugarejos de mais ou menos doze moradas. Então foi jeito passarmos; não pararmos naquele lugar.

Com outro tanto de tempo, nem sinal de qualquer povoação. Até que, distantes do distrito, avistamos um *véi* de bicicleta.

– Boa tarde!

– Tarde!

– O senhor sabe dizer se tem mais povoados aí na frente?

– Tem. Lá *adiante* tem.

– São pequenos, senhor sabe?

– Tem pequeno sim: Serra Grande, o primeiro logo, tem *é pouca casa*.

– E daqui lá é longe?

– É não. Pouquinho só.

– Poxa, muito obrigada.

– Nada.

– *Té* mais então.

– *Inté* e uma boa *viage*!

A partir de nosso breve convívio com aquela estrada de terra desencadeou-se necessidade de contato com o *véi* da bicicleta. Assim, deparadas com tal precisão, tomando vias de chão como “[...] dispositivos *vivos* porque encarnados no próprio campo social, em relações de complementaridade, de escoramento – enfim, em relações rizomáticas” (p.146) – com o fora – com tudo aquilo à sua volta que não institui estrada –, conhecemos o doce senhor chamado Reniltom; ou, em outras palavras, comusemos rizoma com ele e àquela via de terra pisada.

A partir de então, em conexão, em entrelaçamento sem “[...] começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual cresce e trans-

8.

“[...] (quando se está isolado, fica-se desprovido de meios e a tendência, nesse caso, é dobrar-se sobre si mesmo para se proteger)” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p.146).

borda”, vimo-nos em experiência de coexistência análoga a “[...] um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, [...] com suas linhas de fuga [...]”, “[...] com múltiplas [saídas e entradas]” (DELEUZE; GUATARRI, 2011, p.43). Ou em outras palavras, na prosa tida com Seu Reniltom a estrada de chão dinamizou-se campo de transbordamento e infiltração – ambiente poroso, conectivo; território de existência continuamente inacabado e variável – nem fim nem início: unicamente aliança: meio de caminho.

Assim, movidas pela procura de lugarejo que nos despertasse querença de parar, cada uma de nós relacionou-se a seu jeito – ou seja, de forma singular – com acontecimentos vividos na estrada. A ver que, cúmplices da compreensão de que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (p.22), mantivemo-nos abertas – cada uma como lhe foi possível – a nos deixar tocar e desestabilizar pelos encontros surgidos na criação de caminho em direção ao desconhecido, ao que sempre está por ser inventado: a feitura deste trabalho.

Paragem

Esbarramos com Seu Reniltom ainda mais uma vez:

À beira do cair da tarde, eu e Genifer, estivemos à sombra de uma árvore crescida na margem da estrada – lugar em que passamos minutos caladas, a observar meia dúzia de moradas, a espiar um pequeno povoado: Serra Grande. Até que, tempo depois, trocamos uma ou duas palavras:

- Eu gosto. E você?
- Gosto demais. Pra mim é aqui. Pra você?
- Sinto que sim.

De súbito, ouvi outra voz indagar:

- O carro quebrou?

Apurei o olhar e enxerguei Seu Reniltom já a meu lado. Foi tamanha surpresa vê-lo surgir ali de repente. Então, afetada com sua presença, às pressas, respondi:

– Não. A gente só parou mesmo pra descansar um pouco da viagem.

Conversa vai, conversa vem, o senhor disse-nos seu nome, confirmou ser ali Serra Grande, contou-nos de esposa e filhos que ama, mas que moram distantes, e fez-nos convite:

– Cês tão vendo aquele tonel lá mais *adiante*, bem perto da curva já? Eu tô *inu pra* aquela casa que fica bem de frente pra ele. É que moro ali. Cês *demorano* por aqui, *quarquê* coisa, *pode chegar em casa*.

Ao ouvir tais palavras, fez-se urgência, em mim, a necessidade de cuidar da força gerada e sustentada pelos encontros (ROLNIK, 2011, p. 47) com o *véi* da bicicleta: tive perdido o que restava de sentido de seguir e ampliado o desejo de ficar, de viver uns dias naquele povoado de morador atencioso e disposto a papear conosco. Ao escutar os dizeres de Seu Reniltom, deparei-me comigo: vi-me transpassada por sua fala: por ela, tombada: posta em experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte de encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.24).

Foi-se o *véi* da bicicleta: outro silêncio, novos sorrisos.

Tempo depois, sensibilizada por seu convite para passarmos, caso precisássemos, em sua morada, fui ao carro saber de Alice se estava melhor da crise alérgica que, há muito, a atormentava; para convidá-la a sair de lá e deixar-se tocar pelos ares do lugar. Disse-me, porém, não ser preciso. Contei-lhe então do novo encontro e da querença de parar em Serra Grande. Perguntei se, apesar do incômodo, compartilhava conosco do gosto por trabalhar, em próximos dias, naquele povoado. Mas contou-me que achava cedo para tomar tal decisão já que se tratava de primeira pequena povoação que avistava na estrada e que nela sentia falta de ver crianças a correr e brincar.

Ao ouvir tais palavras, tive fragilizado o chão que pisava: uma de nós preferia partir. Com Genifer não foi diferente, nela o baque também se deu. Alice, sensível à sua expectativa de encontro com meninada, desestruturou o que, em nós duas, esboçava rizoma: o desejo de conviver com Seu Reniltom, de viver pouco mais por ali, em meio àquela meia dúzia de casas.

Entre pensar o caminhar e caminhar o pensar, *atinei*, de ano pra cá, para certa infiltração: se busco a experiência de um fazer artístico que seja em si um viver, acabo por buscar não apenas localidades em que trabalhar, mas localidades em que morar, ou melhor, em que co-habitar, em que coexistir – por segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses ou anos até.

Mas, *atinei* melhor para essa ação em sua dimensão de pensamento se fazendo tempos antes de nossa passagem por Serra

Grande, ainda em outro povoado, em meio à outra jornada: “Nas roças da Velha Joaninha” – aquela que realizei sozinha entre os meses de janeiro e fevereiro de 2012.

À ocasião, na Viuveira, em casa de Liane, tive delicada conversa com ela:

– Me chama atenção esse seu desprendimento de cada hora tá numa casa, de querer essa vida, esse trabalho de viajar sozinha, pelas roças, guiada pela vontade de morar, *bucadu* de tempo, com a gente.

Escutei; chorei choro quieto como este de agora; dei-lhe olhar sincero e um sorriso em resposta. Assim, fizemo-nos cúmplices, eu – artista a trabalhar e viver ali desde alguns dias – e ela – vizinha que, a partir de minha chegada, me levava para comer em sua casa noite após noite.

Sua leitura de minha errância contou-me mais do que estou a fazer dos mundos com que esbarro e do que, neles, estou a criar de mim. Liane, com suas palavras, mostrou-me que estávamos sim aprendendo juntas a co-habitar aquele povoado, a experimentar naquele lugar outros modos de existência; e deu a ver que, ao menos, entre nós, inventava-se ato um desejo mútuo de convivência – uma necessidade de reinventarmos a vida em sociedade e buscarmos, para ela, novas formas de cooperação (MARTINEZ, 2008, p.282).

A esta altura, na zona rural de Ibipeba (BA), o sol nos pedia pressa – que resolvêssemos ficar ou partir.

Alice, em sua querença de ir, não estava certa ou errada, mas, de mim e de Genifer, diferenciada: enquanto tínhamo-nos atravessadas, ainda que de formas diversas, pelos acasos do caminho, pelos esbarros imprevistos com Serra Grande e Seu Reniltom, ela – arrisco dizer – mantinha-se estabilizada por sua expectativa de encontro com meninada.

“O sujeito da experiência [...] perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera” (BONDÍA, 2002, p.25). “[...] é um sujeito alcançado [...]” (p.25) e Alice ali não era isso – porque, nem a todo instante, o indivíduo está passível de ser sujeito de experiência, que é condição imprevisível. Deste modo, não me inquietava o fato dela não ter sido, como nós, tombada pelos acontecimentos vividos na estrada – afinal, parecia-me clara a baixa probabilidade de sempre desejarmos parar em mesmo povoado. Afetava-me, em verdade, o entrave entre apear ou partir.

Genifer, o quanto antes, reafirmou seu desejo de ficar, mas também se dispôs a seguir. Alice sequer cogitou parar. Eu vi-me em impasse: ficar por Serra Grande mesmo tendo uma de nós declaradamente desestimulada para isto ou partir e deixar de nutrir os afetos despertos, em duas de nós, pelos encontros com Seu Reniltom.

Aguilhoada pela circunstância em que nos encontrávamos – em meio a dúvidas sobre como trabalhar acompanhada, sobre como tomar, com outras pessoas, mesma estrada – desemboquei, sem dar-me conta, em processo de criação de saber decorrente desta e de outras experiências, entre si, relacionadas.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002, p.27).

Em meio a este processo, eu e Genifer – tateando saída para o entrave – vimo-nos precisadas de que Alice também estivesse, em algum nível, estimulada com o local de parada. Deste modo, passou a nos fazer sentido, apesar do desejo de ficarmos, seguirmos na estada.

Questão não foi propriamente buscarmos nutrir sua expectativa de encontro com crianças a correr e brincar, mas dar-lhe tempo e espaço para, quem sabe, deixar-se afetar por algo com que esbarrasse em meio ao caminho. Assim, as três tivemos motivação concreta para partirmos.

Mas deixar Serra Grande não foi empreitada fácil. Tanto que acordamos seguir desde que, alcançando próximo lugar, escolhêssemos ficar por lá ou voltar – espécie de acordo-consolo, sem qualquer validade de fato porque vulnerável ao inusitado.

A ver que ao fazê-lo esqueci do tempo que levamos da sede do município a uma primeira pequena povoação; esqueci da forte possibilidade de estarmos distantes de outro lugarejo. Dito e feito: na estrada, custamos, mais uma vez, a avistar povoado – e, com sol descendo ligeiro, a cada quilômetro rodado, vi crescer, em mim, a triste sensação de que talvez só em outra ocasião pudesse reencontrar o doce *véi* chamado Reniltom.

Curiosamente, também habitou meu corpo desejo de encontro com povoação situada mais adiante; uma abertura para escolher ficar por lá ao invés de voltar para Serra Grande; uma disponibilidade para deixar-me roçar por esse mundo desconhecido com que iria esbarrar e para nele viver novos encontros afetando e me deixando afetar (ROLNIK, 2011, p.47).

Genifer, por sua vez, transparecia ter, em si, paradoxo semelhante.

Na estrada, como Alice ansiava, alcançamos povoado com meninada animada. Passamos por ele e paramos pouco depois – precisávamos decidir, o quanto antes, ficar ou partir.

Ela, transpassada por termos retomado estrada, já não se tinha apegada a expectativa de pararmos em povoado com crianças à vista; encontrava-se disposta, ou mesmo tocada, a aportar tanto ali quanto acolá. Genifer, mais uma vez, disse poder pousar num ou noutro lugar. Eu, mesmo aberta às duas possibilidades de paragem, tinha-me, em verdade, sem saber que fazer: afetada por percepções ainda confusas do nosso trajeto – posto que, sem, ao menos, pararmos em povoado encontrava-me revirada pelo trânsito partilhado, até ali, em via de barro.

Anunciavam-se os derradeiros raios de sol. E, em meio a nossa forte sensação de “tanto podemos ficar como podemos voltar”, acabamos por sortear a necessária decisão. A moeda, no entanto, negou-se três vezes a nos dizer que fazer – parecia pedir que desistíssemos de atribuir-lhe tamanho encargo. Mas, à quarta vez lançada, disse-nos sensata: é noite, aconselho tentarem ficar por aqui, por Olhos D’água.

Amor e Generosidade

Termo-nos lançado desafio de descermos rio em mesmo barco deixou-nos sem desate previsível para o nó em que estávamos: ficar quem fosse de ficar e seguir quem fosse de seguir. Colocou-nos, por outro lado, em urgência de generosidade: em entrave que nos despertasse necessidade de deixar-nos sensibilizar pelas vivências de outra(s) pessoa(s), de fazer-nos cooperar para sua efetiva expansão.

Importante frisar que me referindo a uma urgência de generosidade falo de situação que nos passe, nos toque, nos aconteça – experiência que nos retire do conforto ensimesmado dos atos autoritários ou de abnegação e que nos religue a nossa condição de co-participes de outras existências, que nos coloque em contingência de atos de amor: “o amor é um exemplo extraordinário de habitar temporariamente dentro do corpo do outro” (MARTINEZ, 2008, p.283).



Figura 2 – Alice Cunha e crianças de Olhos D’água – Ibipeba (BA).

Ainda em outras palavras: nesta estrada, passou pelo corpo a compreensão de que, ao conviver, sou a mim mesma e parte pequena de outros; como nem só eu, nestas condições, sou parte de mim, mas também tantos outros.

Adquirir esta percepção – dar aos acontecimentos este sentido – demandou-me tempo de compreensão – “aquele que não pode prescindir da duração” (KEHL, 2009, p.116) necessária, sempre imprevisível, e a partir do qual o sujeito do desejo e da experiência “pode emergir como sujeito de um saber sobre si mesmo” (p.123), sobre suas relações no e com o mundo.

“Uma experiência é necessariamente transformadora, ou seja, um momento de trânsito da forma, literalmente, uma trans-forma. As escalas de transformação são evidentemente variadas e relativas, oscilam entre um sopro e um renascimento.” (FABIÃO, 2009, p.237).

Agora mesmo, enquanto conto, maturo entendimento:

É bom seguir só pela estrada.

É bom de outro jeito seguir, por outra, acompanhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. *Notas sobre experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *MIL PLATÔS: Capitalismo e esquizofrenia 2 vol.* 1. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e Teatro: Poéticas e Políticas da Cena Contemporânea*. Sala Preta, São Paulo, v. 8, p. 235-246, 2009. Disponível em: <<http://revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/view/263/262>>. Acesso em: 12 out. 2012.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KEHL, Maria Rita. Segunda Parte – O tempo e o cão. In: _____. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2009. cap. 2, p. 109-190.

MARTINEZ, Rosa. *Trocas: Introdução*. In: curadoria geral Lisette Lagnado; co-curadores Adriano Pedrosa... [et al.]; curador convidado Jochen Volz. 27. *Bienal de São Paulo: seminários*. São Paulo: Cobogó, 2008. p.279-283.

ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/tpdb-srolnik.p.4>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

_____. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2011.